VOLUME 6

RIAGE
REVISTA IBERO-AMERICANA DE GERONTOLOGIA

DESAFIOS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA POPULAÇÃO IDOSA

Vilani Nunes, Angela Amaral, João Romano, Ítalo Martins, Júlia Medeiros, Angelo Araújo, Josiane Santos, Ana Mendonça, Clemer Teixeira, Leila Azevedo, Rita Constantino, Jessica Roberts

Informação do artigo
Recebido: 26/09/2024
Revisto: 10/10/2024
Aceite: 30/11/2024

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é frequentemente associado a crianças e jovens. Percebe-se que a população idosa autista ainda é negligenciada quando se fala em diagnóstico tardio, tratamento, reabilitação psicossocial, apoio familiar e social. Faz-se necessário entender as particularidades inerentes a essa condição e investigar de que maneira essa população tem enfrentado com o processo do envelhecimento. Objetivo: identificar os desafios enfrentados pela população idosa com TEA no processo de envelhecer. Metodologia: Estudo de revisão bibliográfica, do tipo narrativa, realizado no período entre 2019 e 2024. As bases de dados empregadas foram PUBMED e MEDLINE e ss buscas incluíram as palavras ''transtorno do espectro autista'', ''autismo'' e ''envelhecimento'', além de termos em inglês ''autism spectrum disorder'', ''autism'' and ''aging''. Encontrados 114 artigos na PUBMED e 55 na MEDLINE, incluídos 10 para o presente estudo. Resultados: Os idosos autistas enfrentam desafios específicos relacionados ao processo de envelhecer, como o declínio cognitivo e mudanças na saúde física. Os sintomas do TEA podem ser diferentes, dificultando o diagnóstico precoce que permite a possibilidade de terapias medicamentosas para diminuir os sintomas. Ressalta-se que o diagnóstico tardio implicará na diminuição da autonomia e da convivência com os demais.
É essencial que haja maior conscientização sobre o autismo na população idosa e criadas estratégias de apoio a fim de compreender suas necessidades em adultos mais velhos. Torna-se importante reconhecer essas diferenças e oferecer suporte adequado para ajudá-los a lidar com essas dificuldades e assim melhorar sua qualidade de vida.

Palavras-chave: autismo; envelhecimento; pessoa idosa.

INTRODUÇÃO

A Associação Americana de Psiquiatria (APA) e o Manual da Psiquiatria (DSM-5-TR), classificam o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como um distúrbio do neurodesenvolvimento que se manifesta em diferentes níveis: leve, moderado ou grave. As pessoas dentro do espectro autista enfrentam dificuldades de comunicação e socialização, além de exibirem interesses restritos, comportamentos repetitivos e limitados. Os primeiros sinais aparecem normalmente na infância (Almeida, 2023; Brasil, 2023). Trata-se também de uma condição duradoura que acompanhará os indivíduos ao longo de suas vidas (Hirakawa & Rossit, 2024).

O TEA é frequentemente associado à infância, devido a maioria dos estudos serem focados em crianças, e de forma bastante discreta sobre adultos. Estudos sobre idosos autistas são praticamente ausentes, isso dificulta identificar quantos são e onde se encontram. Nesse contexto, há o risco de que essas pessoas estejam negligenciadas, inclusive, vivendo em isolamento social e sem o suporte terapêutico necessário (Oliveira; Cupertino & Silva, 2023).

Até meados da década de 1950, muitas pessoas foram diagnosticadas equivocadamente como esquizofrênicas, visto que, o TEA era compreendido como um sintoma dessa condição de saúde. Ou seja, hoje, muitas pessoas idosas passaram suas vidas vivendo com um diagnóstico errado, algumas foram vistas como doentes mentais e sem acesso ao tratamento adequado, enquanto outras, foram excluídas por apresentarem um comportamento considerado agressivo ou inadequado (Santos, 2022).

Numa perspectiva histórica, o reconhecimento do TEA é algo relativamente novo, tendo sido classificado como uma condição pela primeira vez em 1980 no DSM-III e em 1992 na CID-10. Isso significa que algumas pessoas idosas podem ter TEA, mas não estão cientes disso. (Oliveira et al., 2023).

Contudo, nem todos os diagnósticos são realizados em estágios iniciais. Além do mais, as crianças diagnosticadas com autismo crescem, viram adultos e, eventualmente, se tornam idosos com a condição. Por esse motivo, é fundamental discutir o transtorno em todas as fases da vida (Sá, 2022).

O estudo realizado por Oliveira et al. (2023) apontou a escassez de estudos sobre o tema, ainda pouco explorado e onde se destaca a relevância de se realizar pesquisas voltadas ao assunto do TEA na população idosa, especialmente no Brasil. Tal dificuldade se assemelha às encontradas para o desenvolvimento deste estudo.

Além disso, a mesma pesquisa, também apontou que indivíduos diagnosticados na juventude, agora estão envelhecendo, o que pode demandar novas necessidades. Assim, se faz necessário ampliar os estudos, a fim de possibilitar a identificação e o tratamento adequado para esse grupo, visto que a maioria das intervenções nessa área é voltada para crianças e adolescentes. Novos estudos, podem abrir novos caminhos, promovendo um envelhecimento saudável.

Desta forma, este trabalho tem por objetivo identificar os desafios enfrentados pela população idosa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no processo de envelhecer.

METODOLOGIA

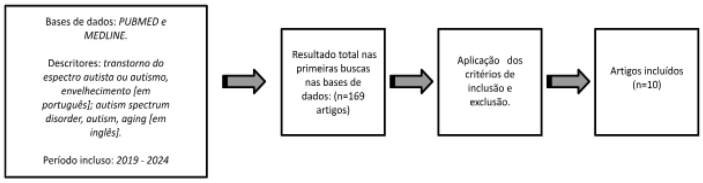
Trata-se de uma revisão bibliográfica, do tipo revisão narrativa da literatura, com caráter descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa, realizado no primeiro semestre de 2024. Para a operacionalização do presente estudo, realizou-se por meio de uma busca, artigos que versam sobre a temática em questão, a fim de analisá-lo sob um ponto de vista teórico e conceitual.

Selecionou-se artigos científicos, encontrados nas seguintes bases de dados: PUBMED e MEDLINE. Para o levantamento de dados, utilizou-se os termos padronizados existentes no DeCs, ''transtorno do espectro autista'', ''autismo'' e ''envelhecimento'', além de seus termos em inglês ''autism spectrum disorder'', ''autism'' and ''aging''. A estratégia de busca utilizada foi a seguinte: ''transtorno do espectro autista OR autismo'' AND envelhecimento, sendo o processo da coleta de dados sumarizado na Figura 1.

Como critérios de inclusão definiu-se artigos completos escritos em português, inglês e espanhol, no período entre 2019 e 2024. Por sua vez, como critério de exclusão foi definido que seriam artigos que abordassem sobre o Transtorno do Espectro autista em crianças e adolescentes, produções de artigos não publicados em periódicos científicos, artigos em duplicidade e artigos pagos.

Os dados encontrados foram categorizados conforme o objetivo da pesquisa e analisados conforme as seguintes categorizações: Autores/ano de publicação; Título do Artigo; Tipo de estudo; Principais resultados. Assim, os resultados foram organizados em uma tabela a fim de facilitar a descrição do perfil dos artigos selecionados sobre o tema.

Figura 1 - Fluxograma de caracterização do processo de seleção dos artigos incluídos para a revisão.



Fonte: Elaboração do autor, 2024.

RESULTADOS

A busca inicial nas bases de dados, resultou um total de 169 artigos, após critérios de inclusão e exclusão, selecionou-se 10 artigos científicos relevantes para esta revisão. Desses, quatro foram encontrados na base PUBMED e seis na MEDLINE. Entre os estudos incluídos, cinco são estudos longitudinais, todos publicados em língua inglesa. Um estudo transversal também em inglês foi identificado, bem como três revisões de literatura. No que diz respeito aos idiomas dos artigos, nove foram publicados em inglês, e apenas um foi escrito em espanhol, demonstrando a predominância do inglês como idioma principal de divulgação científica nesse campo de pesquisa.

Quadro 1 : Extração dos dados da literatura a partir da busca nos estudos. Natal/RN, 2024.

Autores/ano	Título do artigo	Tipo do estudo, País	Principais resultados
Edelson, S. M., Nicholas, D. B., Stoddart, K. P., Bauman, M. B., Mawlam, L., Lawson, W. B., Jose, C., Morris, R., & Wright, S. D. (2020).	Estratégias para pesquisa, prática e política para autismo na terceira idade: um relatório de um grupo de reflexão sobre envelhecimento e autismo.	Estudo longitudinal, Estados Unidos.	No estudo, a variabilidade do espectro autista pode mudar a trajetória de vida da pessoa idosa. Foram estabelecidos que os indivíduos com mais desafios recebem um diagnóstico de autismo no início da vida, em comparação com aqueles que apresentam diferenças clínicas mais sutis. Além disso, para aqueles que são diagnosticados mais tarde, podem ter níveis de funcionalidade mais altos, por terem aprendido a adaptar-se aos seus desafios físicos e sociais.
Malik-Soni, N., Shaker, A., Luck, H., Mullin, A. E., Wiley, R. E., Lewis, M. E. S., Fuentes, J., & Frazier, T. W. (2021)	Enfrentando as barreiras de acesso à saúde para indivíduos com autismo, desde o diagnóstico até a idade adulta.	Revisão de literatura, Estados Unidos.	Apontou desigualdades no acesso a cuidados para TEA em áreas rurais, uma vez que a distância causa enorme impacto nos acessos aos cuidados. Desafios sensoriais e de comunicação no ambiente de cuidados também foram apontados. Além disso, há uma deficiência no conhecimento especializado dos profissionais de saúde sobre o autismo. E não menos importante, apontou-se uma necessidade de capacitação em casos graves e melhoria na

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.288

Autores/ano	Título do artigo	Tipo do estudo, País	Principais resultados
			comunicação entre profissional de saúde e paciente.
Mason, D., Stewart, G. R., Capp, S. J., & Happé, F. (2022).	Pesquisa sobre autismo na terceira idade: um campo em rápido crescimento, mas ainda há um longo caminho a percorrer.	Revisão de literatura, Estados Unidos.	Há escassez de pesquisa científica sobre autismo com foco em pessoas autistas mais velhas. Há uma enorme variedade de estudos transversais, tendo como maior foco fatores como: cognição, função cerebral e genética. Desse modo, não há muitas abordagens com foco na ''qualidade de vida'' e nem nas ''necessidades de suporte'' para pessoas idosas com autismo.
Hwang, Y. I. J., Foley, K.-R., Elley, K., Brown, S., Joy-Leong, D., Li, X., Grove, R., Trollor, J., Pellicano, E., & Zheng, L. (2022).	Experiências de realização de atividades diárias em adultos autistas de meia-idade e idosos: um estudo qualitativo.	Estudo qualitativo, Austrália.	Durante o estudo, aspectos que afetam as atividades de vida diárias (AVD) da pessoa idosa com TEA foram elencadas como barreiras para qualidade de vida da pessoa idosa. O externo pode moldar a natureza do desempenho ocupacional da pessoa autista. Foi apontado que manter um estilo de vida independente é uma preocupação fundamental que adultos autistas sentem à medida que envelhecem. Alega a existência de poucos estudos investigativos sobre as AVD na população idosa autista.
Hong, J., DaWalt, L. S., Taylor, J. L., Haider, A., & Mailick, M. (2023).	Autismo na meia-idade: trajetórias de sintomas, funcionamento comportamental e saúde.	Estudo longitudinal, Estados Unidos.	Ressaltou a importância da pesquisa longitudinal ao longo da vida para indivíduos autistas. Apesar de ter registrado padrão de redução na gravidade dos sintomas do autismo ao avançar da idade, julga a necessidade de pesquisas futuras para determinar se a redução é linear e contínua na velhice. Além de defender uma priorização nas pesquisas sobre autismo em pessoas idosas, da mesma forma como é dado atenção nos estágios iniciais da vida.
Ruggieri V. (2022)	Autismo ao longo da vida.	Revisão da literatura, Argentina.	Idosos com autismo são mais suscetíveis à deterioração precoce devido ao uso de psicotrópicos e antiepiléticos, da falta

Autores/ano	Título do artigo	Tipo do estudo, País	Principais resultados
			de consciência sobre o cuidado com a própria saúde, a ausência geral de histórico familiar de saúde e o desconhecimento de uma história de vida adequada. O artigo também destaca que não há centros preparados para receber a população idosa no espectro do autismo. Defende o desenvolvimento de um ambiente acessível e previsível às mudanças sensoriais inerentes ao TEA enfrentadas pelo idoso.
Mason, D., Ronald, A., Ambler, A., Caspi, A., Houts, R., Poulton, R., Ramrakha, S., Wertz, J., Moffitt, T. E., & Happé, F. (2021).	Traços autistas estão associados a um ritmo de envelhecimento mais rápido: evidências do estudo de Dunedin aos 45 anos.	Estudo longitudinal, Nova Zelândia	Diferenças significativas foram observadas para o ritmo de envelhecimento em indivíduos com maiores traços autistas.
Geurts, H. M., Agelink van Rentergem, J. A., Radhoe, T., Torenvliet, C., Van der Putten, W. J., & Groenman, A. P. (2021).	Envelhecimento e heterogeneidade em relação às condições do espectro autista: um artigo de protocolo de um estudo longitudinal acelerado.	Estudo longitudinal, Holanda	Embora seja uma suposição comum que idosos autistas tenham maior risco de envelhecimento cognitivo acelerado, estudos mostram que isso não é universal. Autistas adultos relatam desafios cognitivos, mas apresentam poucas diferenças em vários domínios cognitivos em comparação aos grupos de controle, e nem todos enfrentam os mesmos desafios. As pesquisas dificilmente atravessam a idade adulta jovem, e por isso, o que acontece na velhice da pessoa com autismo continua isento de aprofundamento científico empírico.
Stewart, G. R., Corbett, A., Ballard, C., Creese, B., Aarsland, D., Hampshire, A., Charlton, R. A., & Happé, F. (2020).	Os perfis de saúde mental e física de adultos mais velhos que endossam traços autistas elevados	Estudo transversal, Reino Unido.	O grupo do traço do espectro autismo relatou taxas significativamente elevadas de diagnósticos psiquiátricos em comparação ao grupo de idosos controle. Além disso, o primeiro grupo apresentou sintomas auto relatados significativamente

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.288

Autores/ano	Título do artigo	Tipo do estudo, País	Principais resultados
			maiores de depressão e ansiedade atuais do que o segundo. Aponta escassez de pesquisa sobre autismo nas faixas etárias além da meia-idade.
Torres, E. B., Caballero, C., & Mistry, S. (2020).	Envelhecer com autismo se afasta muito do envelhecimento típico.	Estudo longitudinal, Estados Unidos	Os autores usaram métodos que destacam a importância de não impor suposições estatísticas, permitindo que os dados revelem padrões emergentes. Os resultados mostram que uma abordagem única não é eficaz para lidar com a heterogeneidade do autismo. Os dados indicam uma separação no grupo de 41 a 65 anos, possivelmente relacionada à alta incidência da Síndrome do X Frágil, que frequentemente resulta em Parkinsonismo após os 40 anos. Essa questão é relevante, pois muitos adultos com TEA nessa faixa etária podem enfrentar problemas motores que afetam sua independência.

Fonte: Próprio estudo, 2024

DISCUSSÃO

Nas últimas décadas, tem-se observado um aumento significativo no número de diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA), com uma prevalência média de 1 caso para cada 36 nascidos vivos (Hirakawa & Rossit, 2024).

No Brasil, o TEA ganhou maior visibilidade após a promulgação da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que instituiu a 'Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista', estabelecendo diretrizes para a garantia dos direitos e proteção dessas pessoas (Brasil, 2012).

A referida lei, considera que a pessoa com TEA é aquela que apresenta déficit persistente na comunicação e interação social, com dificuldades verbais, não verbais, de relacionamento, além de apresentar padrões repetitivos de comportamento, interesses restritos, estereotipias e forte apego a rotinas. Assim, uma pessoa no Transtorno do Espectro Autista (TEA), nos termos da legislação vigente, é legalmente reconhecida como pessoa com deficiência.

No âmbito das políticas públicas adotadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) voltadas para o TEA, destacam-se o Centro Especializado de Reabilitação (CER), que integra a rede de atenção especializada, somente podem atuar na reabilitação intelectual, e as “Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)”, público pelo Ministério da Saúde (MS) em 2014, tendo como objetivo orientar a organização do cuidado às pessoas com TEA dentro da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência (Hirakawa & Rossit, 2024).

Na perspectiva da qualificação dos profissionais de saúde no atendimento e cuidado de pessoas com TEA, é possível observar que, apesar desses profissionais apresentarem uma melhor qualificação profissional, em sua maioria, as especializações não estão voltadas para assistência e suporte dessa população. Da mesma forma, os CER, ainda apresentam fragilidades na forma como são organizados, na condução do atendimento prestado pela equipe, demandas e na própria RAS, apesar das políticas públicas nacionais, municipais e da sua potencialidade (Hirakawa & Rossit, 2024).

Pessoas idosas com TEA necessitam de clínicas e profissionais capacitados para lidar com suas necessidades específicas de cuidado, fora as enfermidades comuns da velhice (Oliveira et al., 2023). Entretanto, o que tem sido visto é a ausência de centros preparados para acolher essas pessoas (Ruggieri, 2022).

Ademais, o desconhecimento e a falta de experiência das equipes no cuidado a indivíduos com TEA são preocupações reais tanto para as famílias quanto para a classe médica, pois a qualidade do atendimento está diretamente ligada

ao nível de capacitação, conhecimento e experiência dos profissionais de saúde, especialmente em casos mais graves de TEA (Malik-Soni et al., 2022). Portanto, é urgente a promoção de espaços acessíveis e a capacitação de profissionais para atender às necessidades sensoriais da população idosa com autismo.

Nesse contexto, diversos desafios podem afetar a pessoa autista ao longo da vida: na infância (rendimento acadêmico, inclusão, e assédio), na adolescência (solidão, isolamento, e falta de pertencimento), na transição para a vida adulta (ensino médio, universitário e vida profissional), e na velhice (perda de familiares ou cuidadores) (Ruggieri, 2022). Diante desse cenário, ampliar a conscientização sobre o transtorno é essencial para reduzir o estigma, o que pode facilitar o diagnóstico precoce e o acesso ao suporte médico adequado (Malik-Soni et al., 2022).

O envelhecimento é um fenômeno que agrava as vulnerabilidades naturais no idoso com TEA, exacerbadas pelo uso de medicamentos, desinteresse no autocuidado e desconhecimento de sua história de vida. Assim, comportamentos de risco, dificuldades de compreensão e saúde comprometida contribuem para a complexidade do quadro. E essas características tornam as necessidades dos idosos com TEA únicas, inviabilizando comparações com outros idosos ou pessoas com diferentes condições de saúde (Ruggieri, 2022).

O estudo ''Estratégias para pesquisa, prática e política para autismo na terceira idade'' identificou que pessoas com Transtorno do Espectro Autista, desde a infância, apresentam disfunções cognitivas e de saúde, como os distúrbios imunológicos, gastrointestinais, do sono e perda de massa óssea, que são muito comuns em idosos. Além disso, dificuldades de comunicação, interação social e comportamento foram observadas (Edelson et al., 2020). Esses desafios, semelhantes aos apontados por Ruggieri (2022), tendem a impactar diretamente o bem-estar, a autonomia e as habilidades de pessoas idosas com TEA.

Além disso, assim como os achados de Ruggieri (2022), o estudo de Hwang et al. (2022) evidenciou que a população mais adulta com TEA enfrenta desafios específicos. Grande parte desses obstáculos resulta da interação entre o ambiente externo e fatores intrínsecos ao idoso, como sensibilidades sensoriais que impactam diretamente o desempenho ocupacional. O ambiente, que abrange o entorno sensorial de uma pessoa, desempenha um papel crucial na forma como os indivíduos realizam suas atividades diárias. Nesse contexto, os aspectos sensoriais e estruturais dos ambientes influenciam significativamente a capacidade de autonomia dessas pessoas.

Ademais, ressaltando os achados do estudo anterior (Hwang et al., 2022) destaca-se que as atividades diárias dos idosos com TEA foram fortemente impactadas por fatores econômicos, sociais e culturais, que vão além do ambiente físico. Durante a pesquisa, os participantes relataram sentir-se limitados financeiramente, o que comprometeu sua capacidade de acessar recursos sociais necessários para participar de atividades de lazer, um fator determinante que influencia na qualidade de vida do indivíduo.

Nessa perspectiva, é relevante notar que a maioria dos participantes do estudo estavam desempregados e dependiam de auxílio governamental. Esses dois aspectos servem como um alerta para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com TEA, especialmente no que diz respeito às oportunidades de emprego, que se tornam ainda mais restritas à medida que os indivíduos se aproximam da velhice (Hwang et al., 2022).

Enveredando a temática abordada por Edelson et al. (2020) e Ruggieri (2022), a carência de estudos aprofundados sobre o cotidiano e a qualidade de vida de idosos com TEA também foi destacada nos achados de Mason et al. (2022). O estudo evidenciou que pessoas com traços autistas mais acentuados apresentam maiores dificuldades em lidar com situações sociais e de saúde mental. Nesse sentido, indivíduos com traços autistas mais elevados, na população em geral, tendem a estar associados a uma saúde mais fragilizada e a um processo de envelhecimento mais acelerado.

De acordo com Hong et al. (2023), autistas mais velhos enfrentam desafios distintos dependendo de sua capacidade intelectual. No decorrer da pesquisa, aqueles sem deficiência intelectual (DI) demonstraram maior independência nas atividades diárias durante a juventude, mas apresentaram declínios mais rápidos à medida que envelheciam, em comparação com aqueles com DI. Além disso, autistas sem DI registraram um aumento de comportamentos repetitivos e maior uso de medicamentos para problemas de saúde física após a meia-idade.

Desse modo, esses resultados sugerem que indivíduos com DI seguem um curso de vida adulta significativamente diferente daqueles com funcionamento intelectual médio ou superior. Embora os autistas com DI apresentam maiores limitações ao longo da vida, a pesquisa também mostrou que, para aqueles com capacidade intelectual média ou acima da média, a piora em determinadas medidas de saúde se acelerou nos últimos anos de vida (Hong et al., 2023).

Uma das principais razões para a escassez de pesquisas sobre pessoas idosas no espectro autista (Mason, Stewart et al., 2022; Hwang et al., 2022; Hong et al., 2023; Geurts et al., 2021; Stewart et al., 2020) é devido a evolução nos critérios de diagnósticos utilizados nos últimos cinquenta anos. A transição do DSM-III para o DSM-5 permitiu expandir o entendimento acerca do espectro autista, entretanto, isso resultou na ocorrência do não diagnóstico de pessoas idosas autistas durante sua infância ou adolescência, uma vez que os antigos critérios eram muitas das vezes restritos ou abrangentes demais (Geurts et al. 2021). Portanto, hodiernamente, identificar e reunir indivíduos idosos no espectro autista para colaborar em pesquisas científicas nessa faixa etária é um enorme desafio.

CONCLUSÃO

A análise dos desafios enfrentados pela população idosa com Transtorno do Espectro Autista no processo de envelhecimento evidencia a complexidade e a urgência de abordar suas necessidades específicas. Este estudo demonstrou que, apesar dos avanços proporcionados pela legislação, como a Lei nº 12.764, persistem lacunas significativas na formação de profissionais de saúde e na estruturação de serviços especializados.

Os idosos com TEA enfrentam diversos desafios, incluindo a escassez de centros de reabilitação adequados, o que compromete o acesso aos cuidados necessários, além de vulnerabilidades agravadas por doenças comuns da senescência. A carência de pesquisas que investiguem o cotidiano e as experiências desses indivíduos limita a compreensão de como interagem com o processo de envelhecimento e as condições de saúde que podem coexistir.

A interação entre fatores ambientais e intrínsecos impacta diretamente a autonomia e a qualidade de vida dessa população, apresentando dificuldades que variam desde o manejo de comportamentos repetitivos até a necessidade de suporte social e econômico. Para enfrentar esses desafios, torna-se essencial promover a capacitação contínua dos profissionais de saúde e desenvolver políticas públicas que incluam a

conscientização sobre o TEA, visando reduzir o estigma e facilitar o acesso a diagnósticos e serviços.

Portanto, diante dos desafios identificados, é necessária uma abordagem integrada e multidisciplinar para atender às demandas do envelhecimento da população idosa com TEA, garantindo que suas particularidades sejam devidamente consideradas e promovendo assim uma qualidade de vida digna e satisfatória.

REFERÊNCIAS

Almeida, M. S.R. (2023) DSM-5 TR E CID-11 – diagnóstico de transtorno do espectro autista. Instituto da Inclusão. https://institutoinclusaobrasil.com.br/dsm-5-tr-e-cid-11-diagnostico-de-transtorno-do-espectro-autista/#:~:text=J%C3%A1%20a%20partir%20do%20DSM,os%20comportamentos%20restritos%20e%20repetitivos.

Brasil. (2023) Transtorno do Espectro Autista – TEA (autismo). Brasil. Ministério da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/transtorno-do-espectro-autista-tea-autismo/.

Brasil. (2012). Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.html

Davico, C.; Secci, I.; Vendrametto, V.; & Vitiello, B. (2023). Pharmacological treatments in autism spectrum disorder: a narrative review. Journal of Psychopathology. 26 jul. 2023. https://doi.org/10.36148/2284-0249-N251

Edelson, S. M., Nicholas, D. B., Stoddart, K. P., Bauman, M. B., Mawlam, L., Lawson, W. B., Jose, C., Morris, R., & Wright, S. D. (2020). Strategies for Research, Practice, and Policy for Autism in Later Life: A Report from a Think Tank on Aging and Autism. Journal of Autism and Developmental Disorders. https://doi.org/10.1007/s10803-020-04514-3

Geurts, H. M., Agelink van Rentergem, J. A., Radhoe, T., Torenvliet, C., Van der Putten, W. J., & Groenman, A. P. (2021). Ageing and heterogeneity regarding autism spectrum conditions: a protocol paper of an accelerated longitudinal study. BMJ Open, 11(3), Artigo e040943. https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-040943

Hirakawa, A. P. R., & Rossit, R. A. S. (2024) Organização do trabalho no cuidado à pessoa com transtorno do espectro autista nos centros especializados em reabilitação da cidade de São Paulo. Rev. Bras. Ed. Esp., Corumbá, v30, e0154, p.1-16. https://doi.org/10.1590/1980-54702024V30E0154

Hong, J., DaWalt, L. S., Taylor, J. L., Haider, A., & Mailick, M. (2023). Autism through midlife: trajectories of symptoms, behavioral functioning, and health. Journal of Neurodevelopmental Disorders, 15(1). https://doi.org/10.1186/s11689-023-09505-w

Hwang, Y. I. J., Foley, K.-R., Elley, K., Brown, S., Joy-Leong, D., Li, X., Grove, R., Trollor, J., Pellicano, E., & Zheng, L. (2022). Experiences of Performing Daily Activities in Middle-Aged and Older Autistic Adults: A Qualitative Study. Journal of Autism and Developmental Disorders. https://doi.org/10.1007/s10803-022-05473-7

Malik-Soni, N., Shaker, A., Luck, H., Mullin, A. E., Wiley, R. E., Lewis, M. E. S., Fuentes, J., & Frazier, T. W. (2021). Tackling healthcare access barriers for individuals with autism from diagnosis to adulthood. Pediatric Research. https://doi.org/10.1038/s41390-021-01465-y

Mason, D., Stewart, G. R., Capp, S. J., & Happé, F. (2022). Older Age Autism Research: A Rapidly Growing Field, but Still a Long Way to Go. Autism in adulthood : challenges and management, 4(2), 164–172. https://doi.org/10.1089/aut.2021.0041

Mason, D., Ronald, A., Ambler, A., Caspi, A., Houts, R., Poulton, R., Ramrakha, S., Wertz, J., Moffitt, T. E., & Happé, F. (2021). Autistic traits are associated with faster pace of aging: Evidence from the Dunedin study at age 45. Autism Research, 14(8), 1684–1694. https://doi.org/10.1002/aur.2534

Oliveira, W. L.; Cupertino, E.; & Silva, T. B. L. (2023). Pessoas idosas com Transtorno do Espectro Autista: um saber necessário. Revista Kairós-Gerontologia, Vol.26, N. 33. https://doi.org/10.61583/kairs.v26i33.22.

Ruggieri, V. (2022). El autismo a lo largo de la vida. Medicina (Buenos Aires), 82(Supl. 3), 3-6. https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0025-76802022000700003&lng=es&tlng=es..

Sá. C. (2022). Autismo em idosos: série “Amor no Espectro” abre portas para o assunto. Autismo Realidade. https://autismoerealidade.org.br/2022/07/01/autismo-em-idosos-serie-amor-no-espectro-abre-portas-para-o-assunto/.

Santos, R. C. (2022). Autismo em Idosos. Blog Observatório do Autista. https://observatoriodoautista.com.br/2022/01/15/autismo-em-idosos/.

Stewart, G. R., Corbett, A., Ballard, C., Creese, B., Aarsland, D., Hampshire, A., Charlton, R. A., & Happé, F. (2020). The Mental and Physical Health Profiles of Older Adults Who Endorse Elevated Autistic Traits. The Journals of Gerontology: Series B. https://doi.org/10.1093/geronb/gbaa112

Torres, E. B., Caballero, C., & Mistry, S. (2020). Aging with Autism Departs Greatly from Typical Aging. Sensors, 20(2), 572. https://doi.org/10.3390/s20020572

Zerbo, O., Qian, Y., Ray, T., Sidney, S., Rich, S., Massolo, M. & Croen, L.A. (2019). Health Care Service Utilization and Cost Among Adults with Autism Spectrum Disorders in a U.S. Integrated Health Care System. https://doi.org/10.1089%2Faut.2018.0004